

## EFEITOS DA VIOLÊNCIA SIMBÓLICA NO CULTO AO CORPO PERFEITO ENQUANTO VIOLÊNCIA ESTÉTICA: ANÁLISE DE ALGUNS CASOS.

Marli M. Moraes da Costa

Tamiris Alessandra Gervasoni

**Resumo:** Este artigo intenta o estudo da violência simbólica de gênero com ênfase na violência estética diante da busca por um padrão de beleza social e culturalmente estabelecido. Com o auxílio do método dedutivo e do procedimento histórico-crítico, realizou-se inicialmente uma abordagem teórica e conceitual da violência simbólica e do conceito de gênero enquanto construção social. Adiante, observa-se que a violência simbólica de gênero internalizada na sociedade prescreve, além um modo de agir e pensar às mulheres, um padrão de beleza cultural e socialmente tido como ideal, o que ocasiona além dos danos físicos e danos da violência estética, danos decorrentes da violência simbólica de gênero, questionando-se assim se as mulheres são exclusivamente vítimas de tal violência ou eternas reféns de sua própria vaidade. A partir do exemplos e casos concretos apresentado no texto, percebe-se que para o enfretamento à violência simbólica de gênero é necessário um movimento coletivo apto a romper com o próprio sistema de dominação que perpetua tal violência e outros tipos de violência decorrentes desta.

**Palavras-chaves:** Cultura. Gênero. Violência estética. Violência simbólica.

**Abstract:** This article intends to study the symbolic gender violence with emphasis on the aesthetics violence in the search for a pattern beauty social and culturally established. With the help of the deductive method and the historical-critical procedure, it realized initially a theoretical and conceptual approach to symbolic violence and the concept of gender as a social construction. Further, it was observed that the symbolic gender violence internalized in society prescribes, besides a way of acting and thinking women, a pattern of cultural beauty and socially considered ideal, which causes beyond the physical damage and damage the aesthetic violence, damages arising from the symbolic violence of gender, so it wonders if women are exclusively victims of such violence or eternal hostage of his own vanity. From the

examples and concrete cases presented in the text, it can be seen that for coping with symbolic gender violence requires a collective movement able to break away from the very system of domination that perpetuates such violence and other violence resulting from this.

**Keywords:** Culture. Gender. Aesthetic violence. Symbolic violence.

## 1 Introdução

A partir da obra *A dominação masculina* de Bourdieu, aborda-se no presente estudo o conceito de violência simbólica criado pelo referenciado autor. Diante da visão androcêntrica e da dominação masculina determinados modos de agir e pensar foram imputados às mulheres, que historicamente e culturalmente, acabaram perpetuando-se também nas estruturas objetivas da sociedade. Este processo de internalização e naturalização de tais modos de pensar e agir são/foram decorrentes da denominada violência simbólica.

Este conceito de violência simbólica é abordado em aspectos teóricos e conceituais inicialmente no texto, amparando-se em premissas cunhadas pelo autor ora referido, que tenta desmistificar a ideia de ordem natural dos sexos, desconstruindo argumentos estritamente biológicos para justificar construções sociais e culturais mantida por um sistema de dominação masculina.

Neste contexto, o conceito de gênero ganha ênfase no enfrentamento à violência simbólica ao refutar o determinismo biológico do sexo e aos argumentos decorrentes desta lógica “natural”, que mantinha as diferenças entre homens e mulheres como dogmas irrefutáveis. Com o surgimento do movimento feminista, lutando pela igualdade entre mulheres e homens, trazendo o conceito de gênero enquanto enquanto uma construção social (e cultural – não só biológica) são introduzidos aspectos políticos, sociais e culturais no trato e percepção das diferenças e desigualdade entre mulheres e homens.

Não obstante o conceito de gênero consiga introduzir tais aspectos na luta por igualdade neste cenário, o problema do determinismo cultural ainda sobrevive. Desta forma, além daquilo que é naturalmente interpretado como inerente as mulheres, existem também características que lhes são atribuídas culturalmente,

portanto, para ser mulher algumas características devem ser observadas, exemplo de uma delas, é a beleza física. Desta forma, além dos modos de agir e pensar, a violência de gênero simbólica determina às mulheres o padrão de beleza física que devem apresentar em sociedade.

Diante disto, pretende-se demonstrar que o padrão de beleza determinado social e culturalmente, almejado e compelido em especial às mulheres, ocasiona além de danos físicos, danos provenientes da violência simbólica de gênero, resultando numa violência estética ao buscar-se inconsequentemente aceitação social mediante o alcance do falacioso padrão de beleza física ideal.

## **2 Violência simbólica de gênero: aportes teóricos e conceituais**

O conceito de violência simbólica foi cunhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu em sua obra *A dominação masculina*, cuja qual denota em seu prefácio o objetivo de observar a permanência ou alteração da ordem sexual considerando a identificação e análise dos possíveis mecanismos históricos responsáveis pela perpetuação das estruturas da divisão sexual. Tal perpetuação, na visão do autor, se daria através da própria ordem social que funcionaria como máquina de ratificação da dominação masculina embasando-se na divisão sexual hierarquizada entre masculino e feminino (BOURDIEU, 2005, p.18-19).

Para além de tal divisão prevista em questões mais sociais como trabalho, ambientes públicos e privados/domésticos, o próprio corpo apresenta-se “como realidade sexuada e como depositário de princípios e símbolos da divisão sexual” (BOURDIEU, 2005, p.18-19). De tal forma, constantemente a percepção androcêntrica faz-se presente, podendo ser observada até mesmo nos pequenos atos do cotidiano:

[...] na família que inculca a docilidade e a realização das tarefas domésticas; na orientação para certas profissões para as quais as mulheres foram feitas; no rebaixamento do status das atividades por elas realizadas; na atitude de reduzi-las a uma feminilidade de roupas, penteados e sapatos; na experiência com o próprio corpo que deve sempre agradar o olhar do homem, como um objeto atraente e desejável; e na ansiedade que esse fique impecável para tanto, entre tantas outras chamadas. (ANDRADE, 2015, p. 24).

Esta incorporação da visão androcêntrica como dominante impõe determinados comportamentos às mulheres, desde âmbitos profissionais, vestuário, até na própria experiência corporal, é resultado da violência simbólica, conceituada por Bourdieu como uma “violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento” (1999, P. 7-8). Portanto, a violência simbólica efetua-se até mesmo em atos inconscientes, acríticos, que já estão impregnados por uma cultura masculina (machista) dominante, porém, que entende tal cultura como a ordem natural das coisas e por ser teoricamente natural não seria passível de contestação.

Neste aspecto de transformação do arbitrário cultural em natural, na socialização do biológico, são invertidas as causas e efeitos da construção social naturalizada (BOURDIEU, 1999, p. 8-9), assim adultera-se aquilo que é construído para algo que é natural, que é biológico, que, portanto, sempre existiu e assim deve permanecer. Exemplos neste sentido de violência simbólica de gênero não são escassos pois frases como “a mulher é mais frágil”, “a mulher sempre cuidou do lar”, entre outras tão populares, são permanentemente empregadas e compreendidas como algo natural.

O modelo de masculinidade que tem como eixo central o poder, estruturado a partir da noção de que o masculino é superior ao feminino, pode contribuir para que homens exerçam a dominação sobre as mulheres, tornando-as submissas a eles e as excluindo de processos decisórios. Nessa ordem social, através de um processo de violência simbólica, as mulheres não só passam a ser pensadas por meio de uma lógica externa a elas, como também são investidas na função de contribuir para perpetuar ou aumentar o poder dos homens. (GOMES, 2008, p. 241).

O próprio conceito de gênero ganha relevo nesta temática pois surge com a intenção de rejeitar o determinismo biológico pelo qual o termo “sexo” está impregnado (SCOTT, 1989, p. 3), desta forma, as justificativas biológicas que procuram explicar a inferioridade da mulher, por exemplo, estariam rejeitadas. O conceito de gênero enquanto construção social pode ser compreendido como “os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, não se pode dizer que ele decorra, de um sexo desta ou daquela maneira”. (BUTLER, 2003, p. 24), assim,

além de sermos construídos, de construirmos a nossa identidade de gênero, a partir da cultura e do(s) ambiente(s) social(is) também construímo-nos a nós mesmos (BUTLER, 1987, p. 139).

Há, atualmente, um entendimento pacificado de que gênero não é sinônimo, tampouco se limita as mulheres. Assim, por exemplo, homens também podem sofrer (e sofrem) violência de gênero, ainda que em distintas proporções. Portanto, o uso de tal termo revela o clamor de pessoas que anseiam pelo reconhecimento de seus direitos de forma equânime, evitando-se que sejam limitados por características específicas adstritas ao seu gênero (DIAS; COSTA, 2013, p. 57), e/ou discriminadas e rotuladas por características sexuais biológicas.

Diante disto, a ideia de gênero é empregada também como um mecanismo político ao procurar justificativas políticas na configuração da subjetividade, conferindo destaque ao aspecto histórico, social e cultural que se perfaz ante as características biológicas, assim, gênero expressa que não há nada de natural na socialização dos sexos (ANDRADE, 2015, p. 22). Assim, o conceito de gênero consegue enfrentar os argumentos biológicos arguidos na violência simbólica ao desconstruir a ideia de naturalização de certas características tidas como inerentes em razão do sexo. Entretanto, por ser também um conceito construído socialmente e culturalmente “gênero” não consegue escapar dos efeitos culturais da violência simbólica, ou seja, aquilo que, por exemplo, culturalmente já está enraizado na sociedade do que se entende por “mulher”.

Essa associação, em que se considera – por exemplo – determinados sentimentos como típicos do feminino, pode contribuir para uma violência na medida em que exclui a possibilidade de homens terem tais sentimentos, podendo fazer com que eles se sintam menos homens. Assim, ao se reificar determinadas características como exclusivas de um gênero específico, os discursos podem se configurar como uma faceta da violência. (GOMES, 2008, p. 238-239).

Neste sentido, por exemplo, o gênero mulher é na sociedade traçado por traços culturalmente e historicamente estabelecidos a partir da ideia de que para ser mulher é preciso ser delicada, saber realizar com presteza as tarefas domésticas, ser atraída sexualmente por homens, entre outras tantas possíveis características que variam no tempo e espaço. Diante desse contexto é que a violência simbólica já

está internalizada na sociedade e em suas estruturas e que “tende a confinar à mulher na subserviência das ideologias de gênero” (ANDRADE, 2015, p. 27).

A violência simbólica de gênero, com enfoque às mulheres no presente trabalho, compele às mulheres a forma como devem se vestir, como se portar, como pensar, porém, diante do argumento natural das coisas, nem mesmo os oprimidos pela violência simbólica conseguem romper com estas situações, pois age-se assim inconscientemente, há a naturalização dos modos de pensar e agir. Estabelece-se uma relação de cumplicidade entre os dominantes e as vítimas da violência simbólica:

A violência simbólica não se processa senão através de um ato de conhecimento e desconhecimento prático, ato este que esse efetiva aquém da consciência e da vontade e que confere seu “poder hipnótico” a todas as suas manifestações, injunções, sugestões, seduções, ameaças, censuras, ordens ou chamadas à ordem. Mas uma relação de dominação que só funcionar por meio dessa cumplicidade de tendência depende, profundamente, para sua perpetuação ou transformação das estruturas de que tais disposições são resultantes. (BOURDIEU, 1999, p. 55).

Ressalva-se que ao abordar a violência em sua expressão simbólica não pretende-se menosprezar a relevância da violência física, ao contrário, intenta-se trabalhar um viés preventivo no sentido de que todo ato (violento, no caso) provém de um pensamento anterior, pensamento gerado num ambiente social e cultural impregnado de violência simbólica. A produção do pensamento e perpetuação da cultura de violência física, em especial contra às mulheres, carece também enfrentar a violência simbólica de gênero que permanece de modo invisível dando suporte à produção de todos os outros tipos de violência. É a partir de uma cultura de violência, seja ela qual for, que a própria violência continua perpetuando-se.

Daí a imprescindibilidade de enfrentamento da violência simbólica de gênero que para efetuar-se carece de reconhecimento, de notoriedade, sendo necessário retirar seu manto de invisibilidade amparado pelos argumentos biológicos (naturais) e culturais. Assim, o presente trabalho no próximo item aborda exemplos de violência simbólica estética que são diariamente veiculados em diversos meios de comunicação, impondo a necessidade do corpo perfeito, de um padrão de beleza a ser alcançado para além do reconhecimento de mulher, ser reconhecida também como uma mulher de sucesso.

### **3 Efeitos da violência simbólica no culto ao corpo perfeito enquanto violência estética: análise de alguns casos.**

Na contemporaneidade, o corpo tem-se configurado cada vez mais como um espaço simbólico na construção dos modos de subjetividade de nossa época. Na verdade, o desenvolvimento das novas tecnologias ligados ao apelo midiático no sentido de que é possível termos corpos perfeitos a partir das intervenções das ciências médicas, e do fácil acesso a diversos recursos ligados à boa forma, como academias, dietas, exercícios físicos, etc. o corpo tornou-se uma máquina passível de ajustes, reparos e adaptações.

Em contrapartida aos óbices do “corpo perfeito” prosperou no mundo contemporâneo um imaginário social que através da tecnologia nada mais é impossível ou inalcançável, e portanto, esta mesma lógica aplica-se na busca da perfeição física, assim, “estes imaginários sociais seriam, por exemplo, o progresso indefinido da técnica, a possibilidade de a ciência resolver todos os problemas” (STEIN, 1991, p. 29) acreditando-se que através das mais diversas intervenções cirúrgicas seja possível alcançar o modelo de corpo tão almejado.

Amargamente tal crença apresenta-se como verdade nos últimos anos como, por exemplo, se vê caso da ex Miss Universo da Tailândia, vencedora do concurso no ano de 1965. Apasra Hongsakula inconformada com as marcas do tempo em seu corpo, inaceitáveis para uma mulher que já foi a mais bela do universo, investiu dois milhões de reais em cirurgias plásticas e procedimentos de embelezamento, almejando a aparência física que apresentava aos dezoito anos, a despeito de estar com sessenta e sete anos de idade (EGO, 2014).

Outro caso tão incoerente quanto, é o da brasileira Juliana Dornelles Borges, que aos vinte e dois anos de idade já havia se submetido a dezenove intervenções cirúrgicas no anseio de se tornar Miss Brasil. A jovem argumentou que o número apontado pela mídia era fictício que as intervenções apenas “lhe reduziram o peso, afinaram a cintura, avolumaram os seios e modificaram levemente o rosto” (UOL, 2001), acrescentou ainda na entrevista que “a mulher nasce bela, mas não perfeita”. “Só a cirurgia estética conduz à perfeição” (UOL, 2001).

A ideia e/ou imagem da existência de um corpo padrão, aliás, como propõe o concurso Miss Universo (ao eleger um único corpo como o mais belo do universo) exalta a necessidade e obrigatoriedade de beleza e delicadeza como característica intrínsecas da feminilidade, como se rigorosamente o corpo feminino para ser belo carecesse de determinados traços, delineando um padrão de beleza e estética a ser alcançado, pois, só assim conquistar-se-ia aceitação e admiração social. Ocorre que diante do cenário da possibilidade de serem alterados e suprimidos determinados traços do corpo imputou-se às mulheres uma obrigação em relação à beleza e à admiração quanto a sua aparência física que “agora não mais um ganho da natureza e sim algo possível de se transformar e construir” (CABEDA, 2004, p. 151).

Ressalta-se que o objetivo não é condenar a valorização do aspecto físico a partir de críticas retóricas, pondera-se que por vezes, como se afirmou acima, a aparência física garante por si só a profissão de muitas pessoas, como no caso de modelos e artistas, porém, a supervalorização das aparências bem como a redução da mulher à beleza é prejudicial e nocivo a saúde mental e física, pois, além de configurar-se atualmente em uma violência física tal conjuntura ocasiona também os danos da violência simbólica e que neste contexto pode muitas vezes maquiar-se na forma de um elogio à beleza da própria mulher:

Em várias situações, a violência simbólica aparece travestida sob a forma de um elogio às mulheres. Lembro-me da reação de indignação da Manuela D'Ávila, candidata à prefeitura de Porto Alegre em 2008, ao dar uma entrevista a um jornalista do jornal Zero Hora. Ao ser questionada se ela achava que sua beleza poderia favorecê-la na disputa eleitoral, Manuela respondeu ao jornalista, em tom de indignação, que esse tipo de pergunta ele jamais faria a um homem que também estivesse na disputa. O reconhecimento da beleza feminina nesse contexto é sempre ambíguo, uma vez que coloca as mulheres no papel de depositárias das virtudes do corpo, onde as virtudes que realmente valem são as do "espírito", da racionalidade. (MATTOS, 2011).

Em relação às intervenções cirúrgicas para o alcance do sonhado padrão de beleza, dados alarmantes são percebidos diante do exacerbado número de cirurgias plásticas que veem se realizando nos últimos anos, trazendo a preocupação diante da possibilidade de nova tática de rotular como devem ser as mulheres, além daquilo que a cultura e história sempre disseram sobre o comportamento feminino



(CABEDA, 2004, p. 151), em aspectos psicológicos, agora estar-se-ia também controlando-se mais profundamente o aspecto físico. Pesquisa divulgada pela *International Society of Aesthetic Plastic Surgery*, com dados referentes ao ano de 2013, consolidam as preocupações dirigidas ao tema ao demonstrarem que neste referido ano foram realizadas vinte e três milhões de cirurgias plásticas ao redor do mundo.

O Brasil desponta em primeiro lugar no ranking, sendo que as cirurgias mais realizadas não são por questões de saúde (em sentido amplo, ou seja, englobando aspectos psicofísicos), mas sim, por interesse estético, sendo que as intervenções mais procuradas naquele ano foram lipoaspiração, inserção de próteses mamárias e rinoplastia. Não obstante, o procedimento estético mais procurado é a aplicação da toxina botulínica (CIRURGIA PLÁSTICA, 2014). Salienta-se que mencionada pesquisa alerta para o fato de que as mulheres figuraram 87,2% das pessoas que realizaram as cirurgias plásticas, totalizando um número superior a vinte milhões. Ademais, acrescenta-se a tal número os procedimentos estéticos que representaram um número superior a onze milhões (CIRURGIA PLÁSTICA, 2014).

Não obstante, tal reforço indiscriminado do culto ao belo não se restringe aos âmbitos dos concursos de beleza, mas afeta todas as mulheres em virtude da falsa ideia de que traz empoderamento, pois, não é comum se ver na mídia mulheres consideradas feias, de acordo com certo padrão, sendo exemplos de ícones de sucesso pessoal e profissional, assim “a beleza está para o feminino assim como a força está para o masculino” (CABEDA, 2004, p. 157), ou seja, como se fosse uma característica obrigatória, indispensável para a realização pessoal e profissional.

Em face das novas possibilidades advindas com as cirurgias plásticas “desenvolveu-se um sistema de determinismo da beleza” (CABEDA, 2004, p. 156), no qual as expressões naturais e normais do corpo de uma mulher madura passaram a figurar como algo negativo. Desta forma, a frustração com o próprio corpo só se acentua com o decorrer do tempo, com o surgimento dos sinais normais do envelhecimento como rugas, flacidez, celulite, estrias, entre outros.

Exemplo disto circulou na internet atualmente sobre a polêmica envolvendo a cantora Iggy Azalea. A cantora teve fotos suas divulgadas em sites, nas quais a cantora demonstrava ter celulites ao desfilarem na rua com um short que permitia a

exibição de suas pernas (REVISTA QUEM, 2015). A cantora, muito chateada, decidiu abandonar as redes sociais após o ocorrido, afirmando que “aparentemente é chocante uma mulher ter celulite” e que apenas queria ter paz (DIVERSAO TERRA, 2015).

Denota-se que as estratégias de controle do corpo carregam consigo um sofrimento inerente, pois transportam a desleal esperança de que através das correções estéticas, do aperfeiçoamento da aparência, aquilo que não se aceita ou não é aprovado interiormente será automaticamente corrigido, pois, vê-se que “as queixas das mulheres em relação a imagem corporal são da ordem de uma ferida narcísica que pretende ser restaurada fisicamente” (CABEDA, 2004, p. 168) e, de fato, isto não ocorre. Esta busca pela aceitação do Outro insculpida na ideia de que a beleza do aspecto físico é suficiente para tanto é insensata e inatingível em razão de que o Outro é “representado pela cultura dominante, que é racista, sexista, preconceituosa em relação à idade, classe social, etnia e deficiência” (CABEDA, 2004, p. 170).

Uma pessoa com um corpo malhado, belo e jovem, é vista pela sociedade de consumo como alguém que tem sucesso e vende a ideia de felicidade. O suposto sacrifício exigido para modelar o corpo é compensado idealmente pela crença de um sucesso futuro. Pouco importa o quanto esta pessoa sofreu, gastou, para conseguir este resultado, isso não conta, porque o que realmente está em jogo é o “ganho” emocional que a mesma acredita estar adquirindo através da imagem que ela mesma passa a ter de si e imagina que os outros a estão vendo da mesma forma. As novas tecnologias possibilitam moldar o corpo humano de forma a torna-lo “perfeito” e corresponder aos anseios do mundo social.

Assim, a ditadura da beleza na sociedade contemporânea torna o corpo humano um lugar de destaque, como se o mesmo fosse um molde, um rascunho que pode ser refeito ou aperfeiçoado conforme os desejos e as condições financeiras do sujeito que busca adaptar-se às significações sociais. Todos são persuadidos diariamente pelos meios de comunicação e pelo mercado a alcançar a aparência desejada de forma rápida e sem dor.

Nesse contexto ocorre o sequestro da subjetividade, principalmente nos casos de exageros de cirurgias plásticas e outros procedimentos estéticos que

muitas vezes põem a vida dos pacientes em risco. Desta forma, não é necessário muita persuasão para que alguém nos leve de nós. Uma palavra, um olhar, uma opinião, tudo pode nos prender se não tivermos firmeza de nossas convicções. Afinal as estruturas sociais em que vivemos são fortemente marcadas pela transitoriedade e pelo condicionamento, sobreviver a isso é um desafio constante.

Tudo torna-se tão passageiro, artificial e representativo que é difícil a experiência de manter uma identidade, porque para a sociedade (pós)moderna não basta existir de qualquer jeito, somos forçados a movimentar as estruturas que tornam a vida humana cada vez mais artificial. Tais estruturas criam e recriam espaços desumanizados, onde a subjetividade não tem valor, não há preocupação em preservar a individualidade do sujeito, pois todo o esforço direciona-se à manutenção de uma estrutura de poder que cada vez mais fragiliza o ser humano que fica vulnerável, e facilmente é roubado de si mesmo.

Acriticamente, passa-se a sorver a existência sem muito pensar sobre ela. Envolvido, o ser humano vai fazendo a entrega de seu corpo em busca da juventude eterna, sonho alimentado diariamente com o surgimento dos produtos “light”, das mais modernas intervenções cirúrgicas, diversificadas atividades físicas, a microbiologia, a robótica, a farmacologia e a genética como férteis promessas de um corpo perfeito.

O descaso com a velhice surge exatamente deste exagerado culto ao corpo malhado e jovial, que passa a ser considerado uma espécie de melhor parte do indivíduo, porque aquilo que não é boa forma, é visto como uma espécie de mala na maioria das vezes incomodamente pesada, que o ser humano precisa carregar, embora muitas vezes ele queira escondê-la, eliminá-la ou aposentá-la para não sofrer discriminações no seu meio social.

Assim sendo, a busca “doentia” pelo corpo perfeito é quase uma técnica de sobrevivência na sociedade atual, as pessoas buscam aproximar-se do ideal de estética corporal que esta mesma sociedade define, destacando, dissimulando ou atenuando particularidades de sua aparência. Acreditando-se que através desta prática estão incrementando a vitalidade de sua constituição orgânica e social e, conseqüentemente, o indivíduo acaba perdendo-se em meio a tudo isso.

#### 4 Considerações finais

A partir da cultura dominante que realizou a “socialização do biológico” e biologização do social”, no entendimento de Bourdieu, invertendo “a relação entre as causas e os efeitos e fazer ver uma construção social naturalizada” é que se deve questionar se a incessante busca feminina pelo corpo perfeito é algo natural, como se as mulheres fossem reféns eternas de sua própria vaidade, ou se há um auto enclausuramento, sendo tal busca pelo padrão de beleza ideal como uma opção e não algo decorrente da violência simbólica de gênero.

É imperioso salientar que uma das faces do poder simbólico, que suporta a cumplicidade entre dominantes e dominados, atribui a própria vítima a responsabilidade por sua opressão, como se estas tivessem opção e apreciassem tal situação, mascarando o fato de que o poder simbólico reside em verdade nas estruturas objetivas da sociedade e não nas (in)consciências iludidas.

Diante deste cenário é que argumentos que imputam ao livre arbítrio das mulheres em optar por participar de concurso de beleza, por exemplo, em buscar um corpo padrão e sua perfeição não podem ser aceitos totalmente, visto que elas também são vítimas de uma violência simbólica. Por outro lado, argumentos que remontam a ideia do filme “matrix”, de que as mulheres não fazem nada verdadeiramente livre, pois aprisionadas em um arcabouço de cultura de violência de gênero também devem ser vistos com ressalva, uma vez que se assim fosse sequer saberiam que são manipuladas, já que, como diria Einstein “tudo aquilo que se ignora não existe”. Portanto, é válido questionar o que há entre as antípodas do livre arbítrio e da coerção cultural.

A transformação que se faz necessária e urgente não refere-se a simples tomada de consciência a partir de uma epifania capaz de fazer a verdade vir à tona. O que realmente é preciso é unir esforços e conjugá-los a uma transformação radical das condições sociais, é necessário, portanto, mais que uma subversão individual, é necessário um movimento coletivo, apto de (re)desenhar as estruturas objetivas do sistema de dominação que perpetua a violência simbólica, dando azo a todos os outros tipos de violência.

## Referências

ANDRADE, Fernanda. As contradições da mulher pós-moderna. In: **Revista eletrônica interfaces**. Guarapuava, v. 4, 1, jul. 2013. p. 21-31. Disponível em: <[http://revistas.unicentro.br/index.php/revista\\_interfaces/article/view/2347](http://revistas.unicentro.br/index.php/revista_interfaces/article/view/2347)>. Acesso em: 20 abr. 2015.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Tradução Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

\_\_\_\_\_. Variação sobre Sexo e Gênero Beauvoir, Witting e Foucault. In: BENHABI, Seyla; CORNELL, Drucilla. **Feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos Ltda, 1987.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999.

CABEDA, Sonia T. Lisboa. A ilusão do corpo perfeito: o discurso médico na mídia. In: STREY, Marlene Neves; CABEDA, Sonia T. Lisboa; PREHN, Denise Rodrigues (Orgs.). **Gênero e cultura**: questões contemporâneas. Porto Alegre: EDIPUCRS, pp. 149-172, 2004, p. 151.

\_\_\_\_\_. Uma estranha no espelho: feminilidade, imagem corporal e envelhecimento na contemporaneidade. **Revista Sitientibus**, Feira de Santana, n. 41, p.195-209, jul./dez. 2009.

CIRURGIA PLÁSTICA. **De acordo com a ISAPS, Brasil lidera ranking de cirurgias plásticas no mundo**. Disponível em: <<http://www2.cirurgiaplastica.org.br/de-acordo-com-a-isaps-brasil-lidera-ranking-de-cirurgias-plasticas-no-umndo/>>. Acesso em 28 jan. 2015.

DIAS, Felipe da Veiga. COSTA, Marli Marlene Moraes da. **Sistema punitivo e gênero**: uma abordagem alternativa a partir dos direitos humanos. 1. ed. Rio de Janeiro: Lumen Juris, 2013.

DIVERSÃO TERRA. **Iggy Azalea desabafa no twitter: eu só quero ter paz**. Disponível em: <<http://diversao.terra.com.br/gente/iggy-azalea-desabafa-no-twitter-eu-so-querer-ter-paz,8f43850a973ab410VgnVCM10000098cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 24 fev. 2015.

EGO. **Em gravação Anitta e Pitty discutem sobre liberdade sexual das mulheres**. Disponível em:

<<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/12/em-gravacao-anitta-e-pitty-discutem-sobre-liberdade-sexual-das-mulheres.html>>. Acesso em 28 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Miss Universo 65 gasta 2 milhões em plástico e consegue parar o tempo.** Disponível em:

<<http://ego.globo.com/famosos/noticia/2014/10/miss-universo-65-gasta-us-2-milhoes-em-plastica-e-consegue-parar-o-tempo.html>>. Acesso em 28 jan. 2015.

GOMES, Romeu. A dimensão simbólica da violência de gênero. **Revista Athenea Digital: revista de pensamento e investigación social**. n. 14, 2008, págs. 237-243. Disponível em: <<http://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=2736191>>. Acesso em: 10 abr. 2015.

MATTOS, Patrícia. **Lei Maria da Penha e a violência simbólica**. 2011. Disponível em : <<http://www.ihu.unisinos.br/entrevistas/46509-lei-maria-da-penha-e-a-violencia-simbolica-entrevista-especial-com-patricia-mattos>>. Acesso em 10 abr. 2015.

REVISTA QUEM. **Iggy Azalea deixa o twitter após críticas por celulites.**

Disponível em:

<<http://revistaquem.globo.com/Popquem/noticia/2015/02/iggy-azalea-deixa-o-twitter-apos-criticas-por-celulites.html>>. Acesso em 24 fev. 2014.

SCOTT, Joan. **Gender and the politics of history**. Columbia: Columbia University Press, 1988.

STEIN, Ernildo. **Epistemologia e crítica da modernidade**. 2. ed. Ijuí: UNIJUÍ Ed., 1991, p. 29.

UOL. **Gaúcha de “19 plásticas” que ser miss Brasil**. Disponível em:

<<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff2101200116.htm>>. Acesso em 28 jan. 2015.

\_\_\_\_\_. **Miss Universo garante liderança nos Estados Unidos**. Disponível em:

<<http://tnh1.ne10.uol.com.br/noticia/televisao/2015/01/27/316663/miss-universogarante-lideranca-nos-estados-unidos>>. Acesso em 28 jan. 2015.